

FREUD E LACAN: DO SUJEITO DA REPRESENTAÇÃO À CADEIA SIGNIFICANTE

Renato Oliva*

Um dos objetivos deste projeto é investigar mais profundamente a relação de Freud com a herança racionalista elaborada a partir de Descartes e Kant, ou seja, o "eu penso" que deve acompanhar todas as representações produzidas pelo sujeito.

Lacan (pp. 856/7) diz que seria impossível pensar a psicanálise antes do nascimento da ciência moderna, antes do advento do Cogito.

Vejamos porque, e para isto acompanharemos a reflexão de A. de Juranville (pp. 21/51).

O termo "representação" ocupa em toda a filosofia alemã um papel importante, tendo chegado a Freud através de um de seus mestres, Franz Brentano.

Brentano, cuja influência sobre Husserl também deve ser mencionada, buscava alguma característica que pudesse distinguir os fenômenos físicos dos psíquicos. Ele afirmava que esta distinção poderia ser feita através do conceito de representação.

A representação é um ato consciente do sujeito, que organiza a diversidade sensível, produzindo assim um signo, dotado de sentido. A representação traz consigo o sentido, e o psíquico é o sentido.

Ora, o inconsciente freudiano é psíquico e constituído de representações, e este, ao considerar os fenômenos psíquicos como dependentes do inconsciente, descobre neles um sentido.

Para Freud uma representação consciente se distingue de uma representação inconsciente. A representação consciente compreende a representação de coisa mais a representação de palavra a ela correspondente; e a representação inconsciente, apenas a representação de palavra.

Para Freud, assim como para todos os herdeiros do Iluminismo, linguagem e consciência estão intrinsecamente ligados, devendo ser feita uma separação explícita entre ambas.

A hipótese do inconsciente deve, pois, seguir os preceitos de uma verificação experimental, porque não há outra. A dedução lógica é impossível, porque ela se baseia na linguagem, e esta pertence ao sistema Consciência.

É neste sentido que Freud, ao mesmo tempo em que se situa frente a uma herança racionalista, rompe com seus princípios, abrindo um novo campo de pensamento que a filosofia não pode ignorar.

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

Freud fala ainda de representações inconscientes que passam de uma representação a outra equivalente, com o mesmo sentido e objeto. As representações podem se equivaler por serem contíguas, e aí temos o deslocamento, ou podem remeter simultaneamente a diversas outras, o que caracteriza a condensação.

Este outro modo de funcionamento do psíquico, característica do processo primário, não obedece o princípio de realidade, mas o princípio do prazer, ignorando a negação e o tempo, surgindo daí a referência a Kant.

Lacan estabelece a existência do inconsciente a partir da linguagem e do lógico, apoiando-se para isto na teoria saussuriana, cujas conseqüências serão desenvolvidas para além dos domínios próprios da lingüística.

Saussure faz do conceito de signo o ponto central de sua teoria. A língua é um sistema de signos. Em todo fenômeno lingüístico, significante e significado são dados juntamente.

A essência de qualquer fenômeno lingüístico é a diferença pura. Cada um dos elementos significantes da língua só existe e tem seu valor por não se confundir com nenhum dos outros. É a presença ou a ausência de todos os traços fonológicos que permite estabelecer estas distinções entre os fonemas.

Para Lacan, o significante precede o significado, constituindo-se, pois, uma autonomia do significante. O significado é produzido pelo significante.

Lacan fala em significante e não mais em signos, como em Saussure. É

o significante que impõe ao sujeito a sua lei, e o significado do significante é constituído pelo desejo e pela castração. O sujeito deve desejar, e para isto, deve aceitar a castração.

A concepção lacaniana do significante é inseparável de uma teoria do sujeito. O significado depende do fato de que em primeiro lugar é o homem que se inclui no significante, e a identificação constitutiva do sujeito é a identificação com um significante. Daí a fórmula de que um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante.

Para Lacan, pois, há um plano em que atua a pura articulação do significante, falando-se então do inconsciente. As representações de coisa de que Freud fizera o conteúdo do inconsciente são significantes. E os processos primários enquanto modos de pensamento inconsciente, deslocamento e condensação, são apresentados como metáfora e metonímia.

Temos em Lacan uma reorganização das posições teóricas de Saussure. O signo em Lacan não é uma representação como em Saussure, mas uma imposição. A passagem do significante para o significado é um ato de imposição, em que o significante é aquilo que se impõe, e o significado, o que é imposto.

E se considerarmos a dualidade freudiana da representação de coisa e de palavra, o significante de Lacan corresponde à representação de coisa.

É assim que encontramos ao longo desta reflexão, importantes refe-

rências de Freud feitas a Kant, e encontramos esta preocupação em Lacan.

Para Kant, o intelecto humano articula representações cujo caráter é a subjetividade. Lacan recusa estes princípios que influenciaram Freud, e fala de significante.

Assim, Kant é o filósofo que se aproxima do discurso analítico, da 'ver-

dade parcial' proposta por Lacan.

Kant seria o primeiro filósofo a compreender profundamente as consequências da separação entre filosofia e ciência, extraíndo daí a sua modernidade.

É, pois, a relação entre ciência, filosofia e o inconsciente que este projeto pretende abordar em toda a sua complexidade.

BIBLIOGRAFIA

LACAN, J. *Écrits*, Editions du Seuil, Paris, 1966.

JURANVILLE, A. *Lacan e a Filosofia*. Zahar, Rio de Janeiro, 1987.